

Aprovada na 848ª Sessão

ALADI/CR/Ata 846  
(Extraordinária)  
1º de outubro de 2003.  
Horas: de 15h30m a 16h45m

ATA DA 846ª. SESSÃO, EXTRAORDINÁRIA,  
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do Dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Excelentíssimo senhor Vice-Presidente da República de El Salvador, Carlos Quintanilla Schmidt.

---

Preside:

ARMANDO LOAIZA MARIACA

Assistem: Juan Carlos Olima e Ricardo Hartstein (Argentina), Armando Loaiza Mariaca e Marcelo Janko Álvarez (Bolívia), Afonso José Sena Cardoso e Daniela Arruda Benjamín (Brasil), Oscar Quina Truffa e Axel Cabrera (Chile), Claudia Turbay Quintero (Colômbia), José Felipe Chaple Hernández (Cuba), Leonardo Carrión Eguiguren (Equador), César Manuel Remis Santos (México), Teresa Aurora Narvaja e Nancy Doria de Guggiani (Paraguai), William Belevan Mc Bride (Peru), Tabaré Bocalandro Yapeyú e Mariella Crosta (Uruguai), Nancy Unda de González e Magdalena Simone (Venezuela), Ernesto Ferreira Rusconi e Ana Ivette Ramírez (El Salvador), Alejandro Vela Aquino (Guatemala), Luis Ramón Ortiz Ramírez (Honduras), Yan A. Burliy (Rússia), Arnaldo Chibbaro (IICA) e Katiça Cekalovic (PNUD).

Secretário-Geral: Juan Francisco Rojas.

Secretários-Gerais Adjuntos: Leonardo F. Mejía e María Teresa Freddolino.

Convidado Especial: Emb. Enrique Delgado, Secretário da Chancelaria do Uruguai.

Comitiva Oficial: Patricia Figueroa, Diretora-Executiva PROESA; William Cordova Carrillo, Vice-Diretor-Geral de Protocolo e Órdens; Antonia González, Ministro-Conselheiro da Embaixada de El Salvador; Pedro José Escalón, Executivo de PROESA; Ricardo Sagrera, Zona Franca Export-Salva; Raúl Alvarez Belismelis, Presidente de AGDOSA; Sandra de Barraza, Comissão Nacional de Desenvolvimento, Luis Membreño, AGDOSA; Guillermo Aceto, AGDOSA; Mercedes de Dalton, Intercomplex; Salvador Mónico, MT Cargo Express; Bernardo Welzel, Terminal-Geral de Carga; Gabriel Pascual, EXPRO; Oscar Hernández, ONI; William Hernández, Imprensa Oficial; Mauricio Sandoval, Imprensa Oficial.

---

PRESIDENTE: Bom dia. Está aberta a Sessão, Extraordinária, 846 do Comitê de Representantes para receber a visita do senhor Vice-Presidente da República de El Salvador, Carlos Quintanilla Schmidt.

Sinto-me honrado de, em nome do Comitê de Representantes da ALADI, dar cordiais boas-vindas a sua Excelência, o senhor Vice-Presidente da República de El Salvador, Carlos Quintanilla Schmidt.

A presença de tão qualificado homem de Estado nesta Associação Latino-Americana de Integração visa reforçar ainda mais os vínculos de nossa Organização com os países-membros do Mercado Comum Centro-Americano.

Essas inter-relações entre sistemas econômicos regionais e sub-regionais de integração estão perfeitamente definidos pelo Tratado de Montevidéu 1980, que postula a conformação progressiva de um grande mercado para toda nossa vasta região latino-

americana. Por isso, senhor Vice-Presidente, o aperfeiçoamento de um espaço econômico latino-americano permitirá potencializar nosso perfil continental frente aos grandes cenários econômicos internacionais que estão desenhando o esquema que deverá reger as relações econômicas para as próximas décadas.

Uma ativa inserção latino-americana no novo sistema internacional desta era globalizada e pós-moderna deve encontrar nossa região como autêntica protagonista desses intercâmbios internacionais, a partir de um justo posicionamento econômico internacional. Os Governos da região poderão contar com instrumentos e recursos para potencializar a governabilidade democrática e representativa de nossos Governos e a efetiva promoção socioeconômica de nossos povos, necessitados de programas consistentes na luta inadiável para a superação da pobreza crítica e da exclusão social que hoje nos sufoca.

Sua nação, depositária pela história de grandes valores, inclusive provenientes das grandes culturas mesoamericanas, tem dado mostras imensuráveis de coragem e de decisão política, após ter superado uma gravíssima situação de desencontro e conflito, graças ao apoio decidido e solidário de todas as nações do hemisfério.

O senhor, Vice-Presidente, pertence a essa nova geração de estadistas e políticos centro-americanos e salvadorenhos, em particular, dotados de capacidades profissionais e políticas para afrontar os desafios do desenvolvimento e a luta pela justiça social nessa região centro-americana que o senhor representa.

Conhecemos sua admirável trajetória de político, jurista e dirigente empresarial que lhe tem permitido abordar, desde sua alta investidura, programas de especial significado em seu país, ao qual desejamos, muito sinceramente, a concretização das grandes realizações socioeconômicas a que tem direito o valente povo salvadorenho, digno depositário da tradição política dessas grandes figuras dos próceres da emancipação e da etapa de fundação de El Salvador, Matías Delgado e Manuel José de Arce. Obrigado.

Passo a palavra ao senhor Secretário-Geral da ALADI, Embaixador Juan Francisco Rojas

SECRETÁRIO-GERAL: Muito obrigado, senhor Presidente.

Senhor Vice-Presidente de El Salvador e Membros da Comitiva, senhor Presidente do Comitê de Representantes, senhores Representantes Permanentes e Membros das Representações, Representantes dos Organismos Observadores, senhor Secretário-Geral da Chancelaria Uruguaia, amigo Ernesto Ferreira, Embaixador de El Salvador, Membros do Corpo Diplomático, Convidados Especiais, amigos da Secretaria, senhoras e senhores, em nome da Secretaria-Geral, senhor Vice-Presidente, dou-lhe as mais cordiais boas-vindas a nossa Sede. O senhor chega a ela no momento em que começa a delinear-se o perfil que adotará a Associação no futuro. As negociações entre os países-membros da Comunidade Andina e o MERCOSUL vão marcar, definitivamente, o futuro e o ritmo que adquirirá esta Associação nos anos vindouros.

E, neste momento, é justo reconhecer os avanços alcançados e a decisão política, adotada pelos Governos desses países, de avançar de forma conjunta para enfrentar os desafios que lhes impõe o contexto econômico internacional.

Senhor Vice-Presidente, seu país faz parte de uma sub-região na qual se iniciou a integração na América Latina. O Mercado Comum Centro-Americano é o primeiro de

nossos processos. Muito antes que a ALALC, já o Mercado Comum tinha começado a ser criado e, como todo processo de integração, tem estado sujeito a problemas políticos, sociais, econômicos e, no caso particular da América Central, ainda de problemas climáticos, que sempre obstaculizaram esse processo de integração.

Porém, nos últimos anos, a partir do fim da década de oitenta, quando começaram a recuperar-se dois aspectos fundamentais da região centro-americana, a paz, fator essencial e garantia de todo processo de integração, e a recuperação dos regimes democráticos que dentro do marco de pluralismo que tem nossa Associação, que caracteriza a esta Associação, marca também um segundo fato de transcendência, para garantir os êxitos de qualquer processo de integração que se leve adiante. É então, nesse contexto de paz e pluralismo, que nós entendemos que a América Central começa a utilizar a integração como uma verdadeira ferramenta para apoiar o desenvolvimento de seus países.

Sua vinda, senhor Vice-presidente, nos motivou a rever um pouco o relacionamento que a Associação tem com seu país, bem como a que os países-membros da Associação têm com seu país. No que respeita à Associação, desde 1981m, El Salvador é Observador deste Comitê de Representantes e, desde 1991 o senhor é a segunda personalidade salvadorenha que nos visita. Naquela ocasião foi o então Presidente Alfredo Cristiani que nos honrou com sua presença em nossa Sede.

No que respeita aos aspectos econômicos, o relacionamento de seu país com os demais países-membros da ALADI concentrou-se, basicamente, em três deles: a Colômbia, o México e a Venezuela, que absorvem quase 90% do intercâmbio comercial existente entre os países-membros da ALADI e El Salvador. No caso da Colômbia e da Venezuela, utilizando mecanismos do Tratado de Montevideu 1980, Acordos de Alcance Parcial que explicam o movimento comercial; no caso do México, existe um tratado de livre-comércio entre seu país e os Estados Unidos Mexicanos que não faz parte do ordenamento jurídico desta Associação.

O México e a Venezuela, além do mais, têm um importante relacionamento, que vai além de qualquer acordo de tipo comercial que possa ser assinado no âmbito da ALADI e que se inscreve no Acordo de San José, um fato que, naquele momento, foi um marco histórico e que continua sendo um marco político muito importante para os países centro-americanos e para aqueles países, tanto do norte como da América do Sul, com ampla vocação caribenha. Não podemos esconder a significação do Pacto de San José pelo impacto econômico que causa sobre países como o seu.

Esse escasso relacionamento comercial entre El Salvador e o resto dos países da ALADI, além de explicar-se pela distância geográfica, tem uma explicação muito importante: competimos nos mesmos mercados, com os mesmos produtos e, evidentemente, isso limita muito a possibilidade de uma maior fluidez no intercâmbio comercial de bens. Nós, aqui na ALADI, da mesma forma que no Mercado Comum Centro-Americano, nos aprofundamos muito na liberalização do comércio de bens. Porém, cada dia mais, podemos observar que esse processo de liberalização do comércio de bens é uma medida necessária, mas não suficiente para garantir a estabilidade da integração econômica.

É por isso que eu queria referir-me brevemente a um fato que normalmente é esquecido, inclusive por nós, que convivemos nesta Casa. O Tratado de Montevideu 1980 não apenas oferece oportunidades para relacionamentos no campo do comércio de bens, mas abre uma perspectiva bastante diferente do que fora concebido originalmente, como os processos de integração que ocorreram na América Latina da década de 50 em diante.

O Tratado de Montevideu 1980 hoje abriga, entre outros, o Acordo de Transporte do Cone Sul, abriga vários Acordos bilaterais tendentes à liberalização do Comércio dos Serviços. A Secretaria-Geral é ativa participante na Iniciativa para a Integração Física da América do Sul, que nasceu na Cúpula de Presidentes Sul-Americanos do ano 2000 e na qual a ALADI vai ter um papel importante ao fornecer os mecanismos jurídicos necessários para consagrar os compromissos que assumidos no âmbito dessa Iniciativa.

Conhecemos, Vice-Presidente, seu interesse pelo tema da logística e da distribuição e, em particular, do interesse de seu país de se tornar em centro de distribuição e de logística de América Central. Se isso for associado aos avanços que está tendo a sub-região centro-americana nas negociações para a conformação de um tratado de livre-comércio com os Estados Unidos da América, acredito que se abre uma perspectiva ainda maior para explorar as possibilidades de um relacionamento dos países da América do Sul ou dos países-membros da ALADI com o seu país.

Considero que esse potencial deveria ser explorado, pois, embora seja muito explorado no âmbito privado, lamentavelmente é esquecido no âmbito oficial. Muito comércio foi gerado entre o México e os Estados Unidos no âmbito de seu TLC, com muita participação empresarial, inclusive participação empresarial sul-americana, porém, pouco utilizam os Governos esses mecanismos, como elemento político de negociação. Nós pensamos e chamamos a atenção para esse fato, pois, frente a possibilidade de que El Salvador efetivamente seja um país que se transforme em centro de distribuição logística, o Tratado de Montevideu fornece ferramentas para concretizar negociações entre os países-membros da ALADI e El Salvador.

Esta breve reflexão em torno da flexibilidade do Tratado e do possível âmbito de ação do Tratado de Montevideu oferece um novo panorama do potencial relacionamento de seu país com os países da ALADI. Não apenas de comércio de bens, a integração não se esgota no comércio de bens, precisa dos serviços, precisa dos investimentos, precisa de uma infinidade de aspectos que abrangem, também, a saúde e a educação, áreas nas quais os países da ALADI também contam com um importante acervo, que pode fazer parte de acordos de cooperação de muita significação e que podem inscrever-se, também, no âmbito da integração econômica latino-americana.

Por último, senhor Vice-Presidente, permita-me agora falar como venezuelano, e não como Secretário-Geral da ALADI. Uma identidade cultural, uma geografia compartilhada e uma história comum nos unem até a eternidade. Eu lembro que a última vez que prestei meus serviços ao Estado, integrei algumas Delegações venezuelanas que participavam do Grupo Contadora. Não sei se foi uma feliz coincidência, não me atrevo a qualificá-la, mas isso me permitiu conhecer muito seu país, interiorizar-me, naquela oportunidade, na realidade centro-americana e semeou em mim uma espécie de solidariedade permanente com todos os irmãos da América Central. Hoje, com sua presença, eu não poderia deixar passar esta ocasião para manifestar a especial alegria que sinto, como Secretário-Geral da ALADI, de dar-lhe as boas-vindas a nossa Casa.

Muitíssimo obrigado, senhor Presidente.

PRESIDENTE: Agradeço ao senhor Secretário-Geral e tenho a honra de oferecer a palavra ao Excelentíssimo senhor Vice-Presidente da República de El Salvador, Carlos Quintanilla Schmidt.

VICE-PRESIDENTE da REPÚBLICA DE EL SALVADOR (Carlos Quintanilla Schmidt): Boa tarde. Permitam-me, em primeiro lugar, cumprimentar o Excelentíssimo Senhor

Presidente do Comitê de Representantes de ALADI, o Senhor Secretário-Geral, o Senhor Diretor-Geral do Ministério das Relações Exteriores do Uruguai, Embaixador Enrique Delgado, os Senhores Representantes Permanentes junto à ALADI aqui presentes, todos os Países e Organismos Observadores. Meus cumprimentos, também, à Delegação Salvadorenha, que nos acompanha, Senhoras e Senhores,

Quero começar estas palavras, em primeiro lugar, agradecendo este amável convite para falar, nesta Casa da Integração Latino-Americana, a todos os distintos Representantes latino-americanos que, no fim das contas, representam a grande família latino-americana.

Sendo o Representante salvadorenho que, por segunda ocasião, se dirige aos senhores, depois de tê-lo feito alguns anos atrás o Presidente Alfredo Cristiani, sinto-me honrado de fazê-lo, sabendo que os ares que respiramos na América Latina estão encaminhados para a integração e para a unificação, não apenas de nossos mercados, mas também de nossos objetivos comuns.

Vimos à República Oriental do Uruguai, certamente, para buscar oportunidades que nos permitam fazer o que os senhores, por seus objetivos, estão sempre tentando fazer, isto é, integrar El Salvador e a América Central com esta outra região do continente americano. Na América Central, desafortunadamente, como ocorreu em muitos países, sempre tivemos a tendência de olhar para o norte e parece que esquecemos que existe um sul. Acredito que os atuais ares de integração no mundo nos obrigam não apenas a olhar para o sul, mas também a olhar para todo nosso continente americano, para encontrar essas oportunidades que estamos buscando para toda nossa população, para toda nossa gente.

Por isso nos compraz não apenas estar na República Oriental do Uruguai, sede da ALADI, sede do MERCOSUL, mas também nos dirigirmos a todos os senhores nesta ocasião. Quero aproveitar a oportunidade que me oferecem para fazer alguma referência ao que estamos fazendo em El Salvador, ao que temos feito e como vemos o futuro da América Central e de nosso país.

Faz alguns dias, em 15 de setembro, celebrávamos, na América Central, 182 anos de nossa independência, o que nos deu não apenas a independência da Espanha, mas, talvez mais importante que isso, a liberdade de poder buscar e decidir nosso próprio destino. 182 anos passaram-se e ainda estamos tentando encontrar esse destino que nos permita melhores horizontes para nossa população. Independentizamo-nos da Espanha como região Centro-Americana, cinco parcelas que formavam a Capitania-Geral da Guatemala, tentamos impulsionar o que foram as Províncias Unidas da América Central, mas, no fim das contas, pelo caudilhismo daquelas épocas, terminamos sendo o que agora somos, países pequenos separados, mas com uma história comum, com costumes e tradições similares, que nos fazem ser mais unidos do que parece.

Percorremos o século XIX, no qual ocorreu a separação das parcelas centro-americanas para conformar os cinco países de América Central, tivemos um século XX no qual tentamos consolidar nossa institucionalização, uma segunda fase do século XX na qual sofremos ditaduras, instabilidade, golpes de estado. Os terremotos em El Salvador foram freqüentes, praticamente a cada 25 anos de nossa história tivemos um terremoto, o que nos faz pensar que, certamente, os eventos naturais não favorecem nosso país, mas antes de mais nada, tivemos um grave conflito nos anos 80, que gerou uma guerra civil de 10 anos. Finalmente, em 1992, conseguimos assinar os acordos de paz, com ajuda de países amigos que intervieram para apoiar essa iniciativa, alguns, com certeza, aqui

representados, como a Colômbia, a Venezuela e o México, que se uniram ao esforço de buscar iniciativas centro-americanas que permitissem pacificar a região.

Faço esta resenha histórica porque a vida em El Salvador e na América Central não tem sido fácil e isso levou-nos a que, depois da assinatura dos acordos de paz em 1992, tivéssemos que repensar nosso verdadeiro destino e o futuro que devíamos escolher.

Chegamos neste ano, tendo atingido algo que era necessário para poder visualizar o futuro imediato, a reconciliação nacional. Não podíamos pretender um futuro promissor sem nos reconciliarmos os próprios salvadorenhos. Indubitavelmente, precisa-se de estabilidade social para aproveitar as oportunidades que se apresentam hoje, mas, além de nos permitir atingir a estabilidade social, os acordos de paz nos trouxeram mudanças no âmbito institucional do país, para alcançar, também, outra estabilidade importante, a estabilidade política. Isso permitiu, além da reconciliação dos diversos setores da vida regional, que El Salvador, da mesma forma que a América Central, respirasse um ar de democracia, de estabilidade e de caráter institucional.

Nosso Governo, o Governo que preside o Presidente Flores, é o quarto Governo eleito legitimamente, com processos de eleições livres, limpos, e isso nos permitiu abrir o campo político às diferentes forças ideológicas de nosso país. Hoje, o Executivo está em mãos do partido político ao qual pertencemos, mas nós não temos controle nem da Assembléia Legislativa, nem dos principais departamentos do país, incluindo a cidade capital de San Salvador, que são governados por partidos da oposição, alguns deles pelo partido que se transformou em partido político como consequência dos acordos de paz, sendo antes de 1992 o grupo guerrilheiro, alçado em armas, tratando de obter o poder pela via armada.

Portanto, conseguimos, sim, com isso, a estabilidade social, a estabilidade política, mas para nós, como órgão executivo era importante atingir outra estabilidade, igualmente necessária para podermos nos incluir no mundo e ter acesso às oportunidades que o mundo agora apresenta: a estabilidade econômica.

El Salvador tem feito grandes esforços e, justamente, desde a época do Presidente Alfredo Cristiani, que esteve aqui presente, no seio de ALADI, temos trabalhado muito intensamente para manter não apenas a estabilidade econômica, mas para gerar as condições necessárias em El Salvador, que nos permitam fazer o que agora é o pão nosso de cada dia, como é pensar em nossa inserção nos mercados mundiais e conseguir ser atores no processo de globalização.

El Salvador iniciou reformas econômicas muito importantes na década dos anos 90, que implicaram liberalização comercial, uma simplificação fiscal tributária, uma reforma monetária, uma reforma financeira, uma abertura dos setores-chave de serviços para a concorrência, como foi a área das telecomunicações, da energia elétrica, do sistema de pensões e, finalmente, com essas medidas conseguimos manter, durante os últimos 10 a 15 anos, uma estabilidade econômica que, certamente, permitiu-nos ter a base necessária para buscar essas oportunidades que apresenta o mundo da globalização.

Por isso, agora posso dizer, com muita satisfação, que El Salvador não apenas goza dessa estabilidade econômica, mas que, ao combinar-se com a estabilidade política e social, cremos que estamos preparados para fazer parte do mundo da globalização. E, como já dissemos em varias ocasiões, cremos ter feito nos últimos anos o necessário para podermos, agora, buscar os benefícios desses sacrifícios que todos os salvadorenhos sofreram nos últimos anos.

El Salvador, com esse antecedente é um dos países que goza do grau de investimento pelas grandes empresas qualificadoras de risco, sendo, também, qualificada como uma das economias mais livres da América Latina, a segunda depois de Chile, de acordo a *Heritage Foundation* e o *Wall Street Journal*.

Mantivemos níveis de crescimento superiores aos níveis latino-americanos, que certamente, não são suficientes para o bem-estar da população e combate do grande flagelo da pobreza, mas ao final, dadas as condições do mundo e, especialmente, da América Latina, permitem que nos sintamos satisfeitos de termos alcançado um crescimento que é significativo para o momento em que estamos vivendo.

El Salvador mantém uma das mais baixas taxas de inflação da América Latina e da América Central e, ao ter adotado o dólar como moeda de curso legal em janeiro do ano 2001, conseguimos não apenas segurança quanto à estabilidade monetária, mas também confiança para a geração de investimentos e a garantia para que, por este processo de dolarização, tenhamos atingido os juros mais baixos da América Central, bem como segurança para a poupança dos salvadorenhos, que já não correm o risco de uma desvalorização.

Com esses antecedentes, El Salvador optou por abrir-se ao mundo e consideramos importante continuar com o caminho iniciado no Governo do Presidente Cristiani, não apenas porque nos permite ser parte desse processo integrador e buscar novos mercados, mas porque estamos totalmente convencidos de que unicamente com o incremento da produtividade e com a produção nacional vamos atacar o grave problema de El Salvador durante os 182 anos de independência, o problema da pobreza e da marginalização.

Acreditamos que, gerando mais produtividade, gerar-se-ão mais e melhores empregos e, só com a geração de empregos é que nossa população poderá sentir que há oportunidades para cada família salvadorenha, permitindo-lhes mudar a qualidade de vida de uma geração à outra. Por isso, nosso processo de combate à pobreza tem se concentrado no aumento da produtividade, concentrada no comércio centro-americano.

Já disse o senhor Secretário-Geral que na América Central ocorreram os primeiros processos para um Mercado Comum Latino-Americano, com a formação do Mercado Comum Centro-Americano na década de 60. Desafortunadamente o modelo do Mercado Comum Centro-Americano sofreu muitos altos e baixos, entre eles, o conflito que tivemos com nossos irmãos de Honduras, que praticamente paralisou as relações comerciais centro-americanas.

No entanto, a existência na América Central de democracias, estabilidade e visões bastante compartilhadas, nos permitiu não apenas reviver o comércio centro-americano, mas também buscar novos caminhos de integração centro-americana. E é aí que isso encaixa com a visão de El Salvador de buscar novos mercados para os produtos salvadorenhos.

Devo, ainda, assinalar que há um compromisso dos Presidentes Centro-Americanos de impulsionar fortemente o processo de integração da América Central; esperamos, assim, não apenas ter uma região centro-americana, na qual seja permitido o livre-trânsito não apenas de pessoas, mas também de bens, que nos permita, como região, enfrentar as novas realidades do mercado mundial.

Atualmente existe o compromisso dos Presidentes de América Central para que, a partir de janeiro do próximo ano, a União Aduaneira Centro-Americana possa estar

funcionando, com o livre trânsito de mercadorias e pessoas na América Central, de forma que, o ingresso a um país da América Central seja considerado ingresso à América Central e, portanto, não seja necessário o trânsito aduaneiro, que, às vezes, impossibilita ou dificulta o trânsito de pessoas e de bens.

Porém, para nós é importante não apenas o mercado centro-americano, El Salvador também teve a visão de buscar os mercados dos que têm sido os parceiros comerciais mais importantes de nosso país; como referência devo assinalar que El Salvador, em seu mapa de comércio internacional, tem de 60 a 70% de seu comércio com os Estados Unidos e, depois, 25% com a América Central, especialmente com a Guatemala, Honduras e a Costa Rica e, em menor volume, com a Nicarágua.

Dada a realidade do comércio salvadorenho, não deve chamar a atenção que, dentro de nosso trabalho de buscar mercados para produtos salvadorenhos, tenhamos preferido buscar os mercados já existentes com presença salvadorenha e é por isso que, nos últimos anos, não apenas impulsionamos o processo de integração centro-americano, como já disse, mas também buscamos tratados de livre-comércio com os países que têm sido parceiros importantes de nosso comércio.

Atualmente temos tratados de livre-comércio com o México, tratado de livre-comércio com o Panamá, que não foi, no início, parte da região centro-americana, mas que, agora, da mesma forma que Belize, integrou-se à região da América Central, temos, ainda, tratado de livre-comércio com a República Dominicana e, junto com a Guatemala e Honduras estabelecemos um tratado de livre-comércio com o Chile.

Agora nos encontramos no processo de negociar dois tratados de livre-comércio, um com o Canadá e o outro com os Estados Unidos da América. Devo fazer um comentário especial a respeito do tratado de livre-comércio com os Estados Unidos, porque o tratado de livre-comércio dos Estados Unidos não é com El Salvador, mas com a América Central e, estando na Casa da Integração Latino-Americana, devo assinalar que o tratado de livre-comércio que agora negociamos com os Estados Unidos foi um elemento importante para fomentar e desenvolver ainda mais o processo de integração centro-americana, porque, para podermos negociar com a maior economia do mundo, tivemos de nos sentar os cinco países da América Central, buscar uma agenda comum e concordar nos temas de interesse centro-americano, deixando de lado os temas de interesse individual de cada um de nossos países, e acredito que, depois de sete rodadas de negociações, o processo está em andamento, como fora projetado originalmente e, hoje mais do que nunca, a América Central está pronta para ter esse tratado de livre-comércio com os Estados Unidos.

Os Estados Unidos não apenas representam para nós o maior parceiro comercial e não apenas para El Salvador, que tem 60% do tráfego comercial com esse país, como já disse, mas para os países da América Central. Porém, no caso de El Salvador, o tratado de livre-comércio tem uma significação especial, pois representa a população salvadorenha que mora nos Estados Unidos.

Em El Salvador, em território centro-americano, habitamos 6,5 milhões de salvadorenhos, e há de 2 a 2,5 milhões de salvadorenhos que moram nos Estados Unidos, após a forte emigração ocorrida na década de 80 devido à guerra civil, ou na década de 90, procurando buscando melhores condições de vida, melhores oportunidades econômicas.

Podemos dizer, então, que um de cada quatro salvadorenhos mora nos Estados Unidos, e isso é para nós um elemento importante para um tratado de livre-comércio, que não apenas vai permitir o acesso dos produtos salvadorenhos ao mercado dos Estados

Unidos, mas também a nossa população, que, diga-se de passagem, é uma população que mantém vínculos com suas comunidades de origem de uma maneira muito forte, e que, além do mais, exige produtos salvadorenhos diretamente nas cidades onde mora.

Posso, para confirmar o que estou dizendo, informar-lhes que há umas 4.000 pessoas que, mensalmente, algumas até quinzenalmente, visitam as comunidades de salvadorenhos no exterior, conhecidos como os “encomenderos”, porque vão com duas ou três malas para os lugares onde há maior concentração de salvadorenhos, não apenas com encomendas e correspondência mas também com produtos nostálgicos salvadorenhos. Isto mostra que o mercado está aberto e nessas malas vão laticínios, produtos típicos e artesanato, que os salvadorenhos que moram no Estados Unidos compram a qualquer preço.

Há, neste momento, já estabelecidos, comércios que se dedicam especialmente a vender produtos salvadorenhos, especialmente produtos alimentícios e, devo, além do mais, assinalar que esses 2 a 2,5 milhões de salvadorenhos que moram nos Estados Unidos têm um poder aquisitivo médio maior que o poder aquisitivo dos que moramos em território centro-americano.

Menciono o anterior porque o tratado de livre-comércio vai nos permitir, como parte do esforço de introduzir produtos salvadorenhos no mercado norte-americano, oferecer esses produtos a essa comunidade de salvadorenhos em melhores condições das que agora os estão recebendo, isto é, a preços muito mais baixos, em maior quantidade, em maior variedade e, obviamente, vai permitir ter qualquer tipo de produto salvadorenho nessas lojas. Portanto, o tratado de livre-comércio com os Estados Unidos representa para nós a grande chance, não apenas de conseguir, como já disse, a integração da América Central, não apenas de buscar maior produtividade ou gerar melhores condições de trabalho para a população salvadorenha, mas também de dar aos nacionais que moram nos Estados Unidos os produtos que eles estão demandando.

Com esses três elementos, ninguém em El Salvador pode duvidar que o tratado de livre-comércio gerará esperança e gerará melhores oportunidades, mas quero fazer um parêntese especial neste momento e dizer que, embora o Governo do Presidente Flores, do qual faço parte, e uma grande quantidade de salvadorenhos, apoie a iniciativa de ter um tratado de livre-comércio com os Estados Unidos, também estamos cientes de que o tratado de livre-comércio por si só não é uma panacéia, nem a solução dos problemas de El Salvador.

Um tratado de livre-comércio é uma grande oportunidade, mas tem que ir acompanhado de medidas que permitam que essas oportunidades se transformem em uma realidade e é por isso que também estamos desenvolvendo internamente, em El Salvador, um processo de capacitação, de apoio, de assistência técnica para as pequenas e médias empresas.

As grandes empresas salvadorenhas não precisam de tratados de livre-comércio para exportar, por exemplo, a cerveja Pilsener, que é a cerveja salvadorenha que já vende nos Estados Unidos e é a cerveja estrangeira número 13 mais vendida no mercado estadunidense. Tampouco as toalhas e o sal, que se vendem nos mercados dos Estados Unidos sem necessidade de tratados de livre-comércio.

É às pequenas e médias empresas que, como Governo, temos de transformar nas grandes vencedoras frente a um tratado de livre-comércio e é a elas que temos que apoiar,

dar assistência técnica e transformar em empresas exportadoras para os mercados de salvadorenhos no exterior, principalmente.

Por isso estamos, com o Ministério da Economia e com o apoio de algumas instâncias internacionais, desenvolvendo um esquema de capacitação importante para estas pequenas e médias empresas e devo dizer que muitas delas já estão exportando aos Estados Unidos. Algumas, exportando produtos certamente não tradicionais, mas talvez também alguns produtos característicos bastante fora do comum, um deles é o mercado de iguanas ou de “garrobos”.

Agora estamos exportando iguanas aos Estados Unidos e à Europa, a iguana vende-se não apenas como bicho de estimação, mas também por sua carne, e também a sopa de “garrobo” ou de iguana, que foi dito nos Estados Unidos que possui algumas qualidades especiais, e os ovos de iguana.

Estamos exportando produtos agrícolas não tradicionais, como “loroco”, como “pitos”, variedades de verduras e de frutas, certamente são exigidas pelos salvadorenhos e aqui, se me permitem, vou fazer um parêntesis para trazer à tona o tema dos subsídios agrícolas, que é um dos temas agora em via de grande discussão e tema de conversação nas reuniões relacionadas com o livre-comércio.

Nós estamos cientes de que, nessa negociação com os Estados Unidos, há produtos agrícolas subsidiados contra os quais El Salvador não poderia competir, mas cremos que há outra grande quantidade de produtos agrícolas com os quais os Estados Unidos não podem competir com El Salvador, porque as condições climáticas não o permitem e porque, além do mais, são produtos autóctones salvadorenhos.

Certamente não pretendemos competir com o milho, com as laranjas da Califórnia ou da Flórida, mas acreditamos que há grandes oportunidades para alguns dos produtos que mencionei há pouco: o “loroco”, o “allil”, os “pitos”, as “horchatas”, os temperos, com os quais, repito, não temos concorrência, porque não são produzidos em terras norte-americanas e é aí que focalizamos nossos esforços, para podermos desenvolver um processo de agroindústrias em El Salvador que nos permita apoiar às médias e pequenas empresas agrícolas para que possam, também pela via da transformação de seus produtos, buscar essas oportunidades de mercados nos Estados Unidos, de tal forma que, com esse apoio, essas empresas poderão ter a oportunidade de competir e exportar seus produtos ao mercado salvadorenho residente nos Estados Unidos, e, partir dessa comunidade, tornar esses produtos também em produtos demandados pela comunidade hispana e pelo resto dos habitantes dos Estados Unidos.

Esperamos terminar o processo de negociação com os Estados Unidos até o final do ano. Como já disse, houve já sete rodadas de negociações, na última delas atingimos avanços importantes na área têxtil, que é muito sensível para El Salvador e para a América Central porque, devido à criação das zonas francas e à indústria da maquila de têxteis, a manufatura de roupas tornou-se o maior produto de exportação de El Salvador e da América Central, superando os produtos tradicionais de exportação.

Estamos também prontos para falar dos temas agrícolas em uma mini roda que se realizará antes do início da seguinte roda nos Estados Unidos e esperamos, depois disso, abordar dois temas muito sensíveis, como é o caso do meio ambiente e do trabalhista. Incluo o tema meio ambiente e o tema trabalhista para também trazer à tona outro importante benefício do tratado de livre-comércio, que é a proteção de nosso meio ambiente e, certamente, dos setores trabalhistas salvadorenho e centro-americano.

Esses são temas sensíveis que temos de abordar e, embora El Salvador se sinta muito satisfeito de ter uma legislação ambiental moderna, adequada às exigências da realidade atual, de ter uma legislação trabalhista que garante as liberdades dos trabalhadores exigidas pelos organismos internacionais como a OIT, sempre há espaço suficiente para que, pela via do tratado de livre-comércio, esses dois temas também possam se transformar em temas vencedores para nosso meio ambiente e para nosso setor trabalhista.

Esses serão temas que abordaremos nas próximas rodas de negociação, mas, finalmente, esperamos que também tratemos a respeito dos benefícios que possam ser atingidos em nosso setor trabalhista salvadorenho e, também, centro-americano.

Quero terminar estas palavras, assinalando que acreditamos no livre-comércio e no livre-comércio justo, como já dissemos, no âmbito latino-americano, e acreditamos que, na medida em que sejamos capazes ter acesso a esses mercados e possamos descobrir as vantagens competitivas e comparativas que cada um de nossos países centro-americanos tem, poderemos, também, começar a encontrar justiça e equidade nesse tráfico comercial.

Considero que, nas atuais circunstâncias, é impossível partir de um mundo ideal, gostaríamos de que o comércio fosse aberto e justo desde o dia que comece a funcionar um tráfico comercial com os maiores mercados do mundo, mas devemos concluir que isso é um pouco difícil. Por isso, em El Salvador acreditamos que é preciso começar por buscar melhores oportunidades para os produtos salvadorenhos, mas das vantagens que El Salvador e a América Central têm e com uma negociação comercial que, pela via das assimetrias, nos permita poder ter vantagens para, no fim de um determinado tempo, tenhamos um comércio mais equiparado.

E isso é o que estamos fazendo como parte do processo de negociação com a América Central e os Estados Unidos e, reitero, temos dois processos de negociação internacional, um com os Estados Unidos e outro com o Canadá.

Com o Canadá negociamos os quatro países da América Central fora a Costa Rica. A Costa Rica já se adiantou a este processo. Menciono por último o tratado de livre-comércio com o Canadá porque o dia que culminemos os tratados de livre-comércio com o Canadá e os Estados Unidos, praticamente do Canadá até o Panamá vamos a ter uma região de tráfico comercial totalmente livre.

Porque, se já existe o NAFTA, entre o Canadá, os Estados Unidos e o México, se nós, na América Central, também temos tratados de livre-comércio com os três países do NAFTA, e se na América Central há um tráfico comercial no Mercado Comum Centro-Americano incluindo o Panamá, Belize e, agora, a República Dominicana, que se integrou à região, a linha divisória do livre tráfego comercial estará, praticamente, na fronteira sul do Panamá. Significa que o próximo passo é o sul, o continente sul-americano e é aqui que estão os representantes dos países irmãos da América do Sul, para que um dia, talvez não muito distante, possamos, também, ter toda a região americana como parte desse grande tráfico de comércio.

Quero terminar estas palavras, para, obviamente permitir, se houver, algum processo de perguntas e respostas, mencionando algo importante, já que estou na Casa da Integração Latino-Americana. Como Vice-Presidente de El Salvador, eu tenho duas responsabilidades muito claramente definidas por delegação do Presidente Flores: uma delas é a promoção de investimentos estrangeiros em El Salvador, e, com certeza, um tratado de livre-comércio com os Estados Unidos é a melhor ferramenta para promover

investimentos estrangeiros em El Salvador. De fato, ainda recorro quando iniciamos este processo, viagens à Coreia, à República China, a Taiwan, à Europa, e muitos investidores nos diziam: “voltem quando começarem a conversar um tratado de livre-comércio com os Estados Unidos, por favor, pois então vamos estar prontos para pensar em investir em seu país”. É claro que já o fizemos e agora estamos tentando impulsionar novos investimentos, que também têm como resultado final a geração de mais e melhores oportunidades de emprego.

A segunda atividade que eu realizo como Vice-Presidente é a aproximação com as comunidades de salvadorenses no exterior e é por isso que lhes falei, com alguma propriedade, da força econômica que representam os dois milhões e meio de salvadorenses que moram nos Estados Unidos. Porém, eu gostaria de referir-me a essa oportunidade de visitar as comunidades de salvadorenses que vivem fora, para dizer que o processo de integração latino-americana já existe e o estão fazendo os Estados Unidos, quando qualificam a todos os que falamos este lindo idioma de Cervantes, com o qualificativo de hispânicos, como se fôssemos uma raça especial, para diferenciar-nos de outros conglomerados raciais nos Estados Unidos.

Menciono isso, porque o sonho de Simón Bolívar e o sonho de Morazán na América Central já se vive nos Estados Unidos. Tivemos a oportunidade de visitar essas comunidades, onde, em eventos como o Furacão Mitch, que açoitou a América Central, ou os embates dos terremotos em El Salvador, vimos uma comunidade hispânica unida, apoiando os irmãos hispânicos, sejam centro-americanos ou salvadorenses, e aí eu pude observar como a integração latino-americana já se vive nos Estados Unidos da América, já vemos como falar espanhol ou castelhano nos faz nos sentirmos mais irmãos do que nunca, quando o resto da população nos Estados Unidos fala um idioma diferente, que é o inglês.

Trago à tona essa referência, porque, repito, estando na Casa da Integração Latino-Americana é importante que os senhores também saibam que a integração não ocorre apenas no nível dos Governos, que visam a integração com outros. A verdadeira integração ocorre entre a própria população, e não por via de decretos nem por via de leis, mas porque a população percebe que somos irmãos latino-americanos e, como irmãos latino-americanos, estamos chamados a nos unirmos, apoiarmos e defendermos. Essa integração já se vive nos Estados Unidos, onde praticamente a terceira parte da população é hispânica, são milhões de hispanófonos morando nos Estados Unidos, há Estados onde os hispânicos são quase maioria no número de habitantes, e por isso é importante levar em conta que o processo de integração já é algo que está sendo impulsionado, porque está nascendo de dentro, do âmago da população latino-americana, à qual todos nós pertencemos.

Senhor Presidente, com esta referência à integração latino-americana nos Estados Unidos, quero terminar esta apresentação do que é El Salvador, de como vemos o processo de integração e de por que escolhemos o modelo de abertura comercial e os modelos de tratados de livre-comércio como ferramentas para combater a pobreza em El Salvador. Porque acreditamos que, dessa forma, geraremos as devidas condições que permitam a nós, salvadorenses, encontrarmos o sonho americano em nosso próprio país, sem ter de buscá-lo nos Estados Unidos. Muitíssimo obrigado.

- Aplausos

**PRESIDENTE:** Agradecemos profundamente ao senhor Vice-Presidente de El Salvador por suas eloqüentes palavras, e a seguir, convido o senhor Vice-Presidente para o

Ato de Assinatura do Livro de Visitantes Ilustres de ALADI, bem como para receber uma bandeja, lembrança de sua visita a nossa Casa.

- Assinatura do Livro de Visitantes Ilustres.
- Entrega da bandeja do Comitê de Representantes ao Vice-Presidente.
- Aplausos

VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE EL SALVADOR (Carlos Quintanilla Schmidt):  
Se me permitirem, senhor Presidente, senhor Secretário-Geral, senhores Membros do Comitê de Representantes, nesta tarde eu quero entregar este quadro de um pintor salvadorenho, Ramírez, para que adorne, também, a pinacoteca, que sabemos existe aqui, na Sede da ALADI, para que também tenha um exemplar da pintura salvadorenha.

- O Vice-Presidente de El Salvador entrega a obra do artista salvadorenho.

PRESIDENTE: Muito obrigado.

VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA DE EL SALVADOR (Carlos Quintanilla Schmidt):  
Eu gostaria, ainda, apenas de fazer referência a que procuramos, como parte da mensagem que trazemos, a cara de uma criança salvadorenha, que representa os olhos de esperança para aqueles que estamos trabalhando em El Salvador.

PRESIDENTE: Após este ato, solicito aos Chefes de Missão presentes que se aproximem para tirarmos uma fotografia oficial junto ao senhor Vice-Presidente Carlos Quintanilla Schmidt, que documente esta visita histórica. Obrigado.

Encerra-se a Sessão.

---